

» Drummond e o sentimento do mundo

Prof^a. Zeneida Elaine Holanda Holderbaum
Prof^a. M. S. Cássia Maria Bezerra Avelino
Faculdade Integrada da Grande Fortaleza

1. Introdução

Em um mundo tão avesso a sentimentos, falemos em “Sentimento do Mundo”. Falemos do homem cheio de sentimentos e filosofias intimistas sobre um futuro que se constrói e se transforma a cada dia. É difícil não se identificar com as canções de medo que ora entoam as vozes do nosso mundo.

Nesta perspectiva, o presente estudo apresenta uma leitura da a poesia de Carlos Drummond de Andrade, traçando um rápido olhar sobre sua vida, fixando-se na obra e na temática de *Sentimento do mundo*.

2. O Homem e o Mundo

E as vozes do mundo inteiro. Falemos de Carlos Drummond de Andrade – mineiro, intelectual, funcionário público, jornalista, poeta.

Drummond, porém, não é simplesmente um poeta (ou talvez o seja verdadeiramente), mas um profundo sensível da realidade, das pessoas e das coisas, “ espectador do mundo a sua volta”, como bem descreve Benjamim Abdala Júnior (1998). Amargo e triste, pois. Não se veste, entretanto, do um manto sublime de uma poesia hermética. Ao contrário, escreve para que as pessoas o entendam, suas palavras têm o cheiro do dia-a-dia, as imagens por ele construídas são concretas e verdadeiras.

Classificado por Afrânio Coutinho em seu *Introdução à Literatura no Brasil*, como escritor da segunda fase ou segunda geração do Modernismo brasileiro, Drummond não escreveu apenas poemas, apesar de ser este o campo em que mais se destacou. Como cronista e contista, também foi admirado e respeitado.

Itabira, a pequena cidade natal do poeta, no interior de Minas Gerais, e tema recorrente em seus escritos, nunca lhe saiu do pensamento nem dos poemas. Quando, no início de sua carreira, passou a viver em Belo Horizonte, Itabira transformou-se em “uma fotografia na parede./ Mas como dói!” Pelo próprio Drummond, a Itabira é atribuída a responsabilidade da formação de seu caráter, das principais características de sua personalidade e das suas atitudes ante o mundo:

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

(...)

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho

vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,

é doce herança itabirana .

Largando uma futura carreira de farmacêutico ou ainda de professor de Geografia e Português, Drummond foi chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde Pública no governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo e dedicou-se, com prazer, ao jornalismo, tendo trabalhado como auxiliar de redação, redator, colaborador nos principais jornais do Estado do Rio de Janeiro e até se arriscado, haja vista a época em que viveu, como co-editor do jornal *Tribuna Popular*, juntamente com Luís Carlos Prestes.

Há quem diga que a única coisa que tirava Drummond do sério era dizer que ele era a favor do Estado Novo de Getúlio e que cooperava com o então Presidente da República: “Vim para o Rio em 1934 para trabalhar com um amigo pessoal do tempo de colégio, Gustavo Capanema [na época, ministro da Educação e Saúde Pública] (...). Em 1937 veio o golpe do Estado Novo, Capanema ficou no seu cargo e eu continuei a servi-lo da mesma maneira. Minhas relações com o palácio eram burocráticas: eu preparava pastas de documentos e as mandava para lá, não tinha nada a ver com a política do governo”. E ainda: “Eu voto contra o governo. É o meu resto de anarquismo”. (www.estadao.com.br/drummond/index.frm).

Aliás, foi exatamente esse afastamento das tendências governistas do Brasil e a aproximação com as idéias socialistas – o que sempre foi ao encontro de sua preocupação com as causas sociais do Brasil e do mundo – que levou Drummond a pedir demissão do gabinete do ministério e trabalhar no *Tribuna Popular*, de onde saiu, meses depois, por divergências de opiniões: queriam que ele escrevesse apenas poemas de caráter politicamente militante. Drummond não aceita. Assim, afasta-se do partido e é mal visto pelos ex-colegas.

Em certa ocasião, escreve, ironicamente, em uma crônica intitulada *Essa nossa classe média...* :

Oh, os medos da pequena burguesia! – dirá talvez algum iluminado, portador de alguma certeza. Essa melancólica e indecisa classe média! Pois já se vai tornando moda acusar a classe média de todas as fraquezas e vacilações em frente da vida – e até mesmo em face da História. ‘Vacilante’ é o qualificativo que se pregou no paletó do modesto pequeno-burguês, como um rabo grotesco.

Roberto Pontes (1999) afirma sobre a contradição social de Drummond:

Também não há como ver em Drummond um poeta por excelência participante, do mesmo modo que nunca foi um escritor alienado. Tem ele o mérito de haver conseguido, apesar de haver pago alto tributo à sua condição de classe, realizar poesia referta (sic) de humanismo fecundante e tão necessária ao auto-reconhecimento dos seres humanos perdidos no fulcro do desconcerto capitalista.

Apesar de sentir-se individualista (“...conhecendo meu individualismo talvez um pouco exacerbado, achei melhor dar a minha adesão aos ideais comunistas na prática, sem me comprometer entrando para os quadros partidários”) quanto a sua condição social, Drummond é referência de uma “poesia socializante, comprometida”, como classifica Afrânio Coutinho.

3. O Homem e o Sentimento do Mundo

Nos poemas de *Sentimento do Mundo*, além do traço preciso e corrosivo, próprio da escrita de Drummond, há uma imensa preocupação com os rumos que tomam as pessoas enquanto seres humanos.

Escrito nos anos de 1935 a 1940, fase em que o mundo se recuperava da Primeira Guerra Mundial e em que já se encontrava iminente a Segunda Grande Guerra, com a imposição do Estado Novo de Getúlio Vargas e o crescimento do Nazi-fascismo, percebe-se em Drummond a luta, a contestação,

pela palavra, das atrocidades que o mundo parecia aceitar (“Tudo acontece, menina / E não é importante, menina”). “Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente, descobrindo na luta a explicitação de sua mais íntima apreensão para com a vida como um todo” (www.culturatura.com.br/autores/bra/carlosd.htm).

Paradoxalmente, há, também, nessa época, o crescimento das indústrias e, com ela, a ampliação do proletariado no país. O mundo entra em crise em 1929 e a sociedade muda sua face. Junte-se a isso, o espírito modernista que rodeia o país desde a Semana de Arte Moderna, em 1922 – misto de protesto cultural e social, ao qual Carlos Drummond de Andrade aderiu com a publicação de *A Revista*, 1925:

Ação intensiva em todos os campos: na literatura, na arte, na política. Somos pela renovação intelectual do Brasil que se tornou um imperativo categórico. Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pode continuar a ser o túmulo de nossas idéias, mas antes a força generosa de que elas dimanem. Somos, finalmente, um órgão político.

E, então, o caráter claramente modernista:

“... temos um ideal? Ele se apóia no mais fervoroso nacionalismo. Longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra de nossa originalidade nacional. Nascidos na República, assistimos ao espetáculo quotidiano e pungente de desordens intestinais, ao longo das quais se desenha nítida e perturbadora, em nosso horizonte social, uma tremenda crise de autoridade. Contra esse opressivo estado de coisas é que a mocidade brasileira precisa e deve reagir. Resta-nos humanizar o Brasil.”

Não é, entretanto, em *Alguma Poesia*, seu primeiro livro, publicado em 1930, que Drummond lança-se à tarefa de, como disse, “humanizar o Brasil”. Ao contrário, críticos apontam, nesse livro, grandes doses de individualismo e sarcasmo envolvidos em uma atmosfera de crítica às aparências e convenções sociais.

Torturado pelo passado, assombrado com o futuro, ele se detém num presente dilacerado por este e por aquele, testemunha lúcida de si mesmo e do transcurso dos homens, de um ponto de vista melancólico e cético. Mas, enquanto ironiza os costumes e a sociedade, asperamente satírico em seu amargor e desencanto, entrega-se com empenho e requinte construtivo à comunicação estética desse modo de ser e estar

(www.releituras.com/drummond_bio.asp)

São de *Alguma Poesia* poemas como “Cidadezinha qualquer”, “No meio do caminho”, “Quadrilha” e “Poemas de sete faces”, por exemplo.

(...)

As casas espiam os homens

que correm atrás das mulheres.

A tarde talvez fosse azul,

Não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:

pernas brancas pretas amarelas.

Pra que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.

Porém meus olhos não perguntam nada.

(...)"

Poema de Sete Faces

Brejo das Almas, de 1934, não apresenta mais as altas dosagens de ironia ou individualismo do primeiro livro do poeta, contudo, essas características ainda são marcantes, somada a desesperança crescente, como vemos em "Soneto da perda esperança" ou mesmo o famoso "Não se mate":

Carlos, sossegue, o amor

é isso que você está vendo:

hoje beija, amanhã não beija

depois de amanhã é domingo

e segunda-feira ninguém sabe

o que será.

Inútil você resistir

ou mesmo suicidar-se.

Não se mate, oh não se mate,

reserve-se todo para

as bodas que ninguém sabe

quando virão

se é que virão.

(...)

Não se mate

Em *Sentimento do Mundo*, porém, publicado em 1940, fica claro que o individualismo está mais próximo da concordância com o modelo da situação que do protesto e que, somente unidos ("Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas"), através dos mesmos sentimentos, ainda que mal se compreendam ("Ele sabe que não é nem nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza..."), os homens conseguiriam modificar o mundo:

... as mãos dos sobreviventes se enlaçam,

os corpos hirtos adquirem uma fluidez,
uma inocência, um perdão simples e macio...

Havemos de amanhecer

(A noite dissolve os homens)

Não há, entretanto, otimismo na visão do poeta. Como afirma o crítico Silviano Santiago no prefácio da 4ª edição do livro pela editora Record, “É sombria e pessimista a visão de mundo que se justapõe à esperança da revolução e da utopia”.

Assim, Dor e Esperança são os temas básicos que regem os poemas de *Sentimento do Mundo*. Uma Dor, talvez, maior que a Esperança que a contempla, ou talvez esta não esteja tão próxima dos homens. A Dor é o “Sentimento do Mundo”; Dor de todos os homens e que se concentra em um só – o poeta:

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo
mas estou cheio de escravos
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor
(Sentimento do mundo)

E, então, ele, o poeta, sente-se responsável pelas pessoas a sua volta; sofre por elas; sente-se *elas*. Como se vê em:

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.
(...)

(Poema da necessidade)

E em:

Eu sou a Moça-Fantasma
que espera na Rua do Chumbo

o carro da madrugada. (...)

(Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte)

O “nós” é muito empregado em *Sentimento do Mundo* e é através do “nós” que surgirá a Esperança. Ressalte-se que ela – a Esperança – nunca está no presente, mas, sempre, no futuro, virá. Vem, assim como a Dor, personificada em imagens possíveis de se encontrar em nosso cotidiano: o sorriso do operário, que caminha firme (“Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido”); a aurora, que dissolve a noite que traz o sofrimento (“Aurora,/ entretanto eu te diviso, ainda tímida,/ inexperiente das luzes que vais acender”); o soluço de vida, que resiste ao verme roedor de lembranças:

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,

alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,

em que todos se debruçavam

na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes

e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos.

Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava

Que rebentava daquelas páginas.

(Os mortos de sobrecasaca)

Assim, “os temas políticos, o sofrimento do ser humano e as guerras, a solidão, o mundo frágil, os seres solitários predominam. A dor humana está lá; o eu-lírico se resguarda e canta o outro, tão mais importante que ele próprio.” (www.navedapalavra.com.br/resumos/algumapoesia.htm).

Drummond vê, há mais de sessenta anos, um mundo que ainda é o nosso – triste, marcado pelo medo ou pela aceitação de toda imperfeição como normalidade:

Mundo que ele vê ora com uma inquietante pessoalidade, ora com ótica social; contemplação melancólica ou participante, mas sempre um processo de investigação da realidade, onde humor, ironia, lirismo, sentimentalismo, o tudo, o vazio, o nada, têm seu lugar, numa poesia grandiosa. (ABDALA, Benjamim Jr , 1998)

Como o operário, entretanto, caminha firmemente e, quem sabe, com sua sensibilidade e seu coração – às vezes maior que o mundo, às vezes pequeno demais, ensine-nos a dar as mãos.

4. Conclusão

O estudo sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade é lugar de constatare pesquisa, da qual sempre há aspectos a serem considerados. E o presente estudo, que não pretende esgotar a temática, apresenta as seguintes conclusões.

Em “Drummond e o Sentimento do Mundo”, a pessoa de Carlos Drummond de Andrade foi considerada a imagem do homem que *sente* o mundo, que o questiona e que, como todo ser humano, ora o aceita, ora o contesta, ora se desesperança com ele; um homem que absorve as dores e cores de todo o mundo, a começar por sua cidade natal, que por ser triste e “de ferro”, faz dele, também, um ser triste e de ferro.

Em “O homem e o Sentimento do Mundo” percebe-se a intensa movimentação social e política motivada pelos acontecimentos da época em que foram escritos os poemas que constituem o livro em questão, dentre eles a II Grande Guerra e o holocausto; o homem, então, desesperançado da humanidade, precisava, ao mesmo tempo, lutar contra toda aquela situação.

O poema Sentimento do Mundo pode, assim, ser identificado dentro da produção drummoniana como uma forma de protesto ou de insubmissão perante a realidade.

Referências Bibliográficas

ABDALA, Benjamim Jr. & CAMPEDELLI, Samira Youssef . *Tempos da literatura brasileira* . São Paulo: Círculo do Livro/ Ática, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo* . 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto* . 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BIBLIOTECA on-line. Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/autores/bra/carlosd.htm> Acesso em: 17 out. 2004.

BIBLIOTECA on-line. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/drummond/> . Acesso em: 30 jan. 2002.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil* . 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

NOGUEIRA, Arnaldo Jr. (org). On-line. Disponível em: http://www.releituras.com/drummond_bio.asp . Acesso em: 23 set. 2004.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasílusa* : estudo da obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto. Edições UFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.